

Camilo Pessanha e o Oriente

DANIEL PIRES*

RESUMO: No presente texto são equacionadas, tendo por base a sua correspondência, algumas vertentes menos conhecidas da biografia e da obra de Camilo Pessanha: a sua empatia pela língua e pela cultura chinesa; a sua colecção de arte oriental, laboriosamente recolhida ao longo de muitos anos; os esforços desenvolvidos em defesa do Liceu de Macau, ameaçado pela visão economicista do Leal Senado, que o queria encerrar; a sua tradução das oito elegias chinesas e a sua oposição à extradição de um mandarim de Cantão, solicitada ao governador de Macau, em 1904, pelo vice-rei de Cantão.

PALAVRAS-CHAVE: Camilo Pessanha; Sinólogo; Intervenção social; Solidariedade

Tendo como ponto de partida a sua correspondência¹, propomo-nos equacionar neste texto alguns aspectos menos conhecidos da biografia de Camilo Pessanha, designadamente a sua actividade como pedagogo, jurista e sinólogo, bem como a sua intervenção cívica.

Em 1885, Camilo Pessanha matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Neste estabelecimento de ensino, conviveu intensamente com Alberto Osório de Castro, porquanto as suas afinidades electivas eram evidentes: espírito crítico, idealismo, verve poética e criatividade, atributos que os levaram a colaborar em revistas, as quais funcionavam como laboratórios onde se experimentavam novas formas de

encarar a literatura. Terminado o curso, trabalharam ambos como juristas em Óbidos, tendo ali aprofundado a sua amizade.

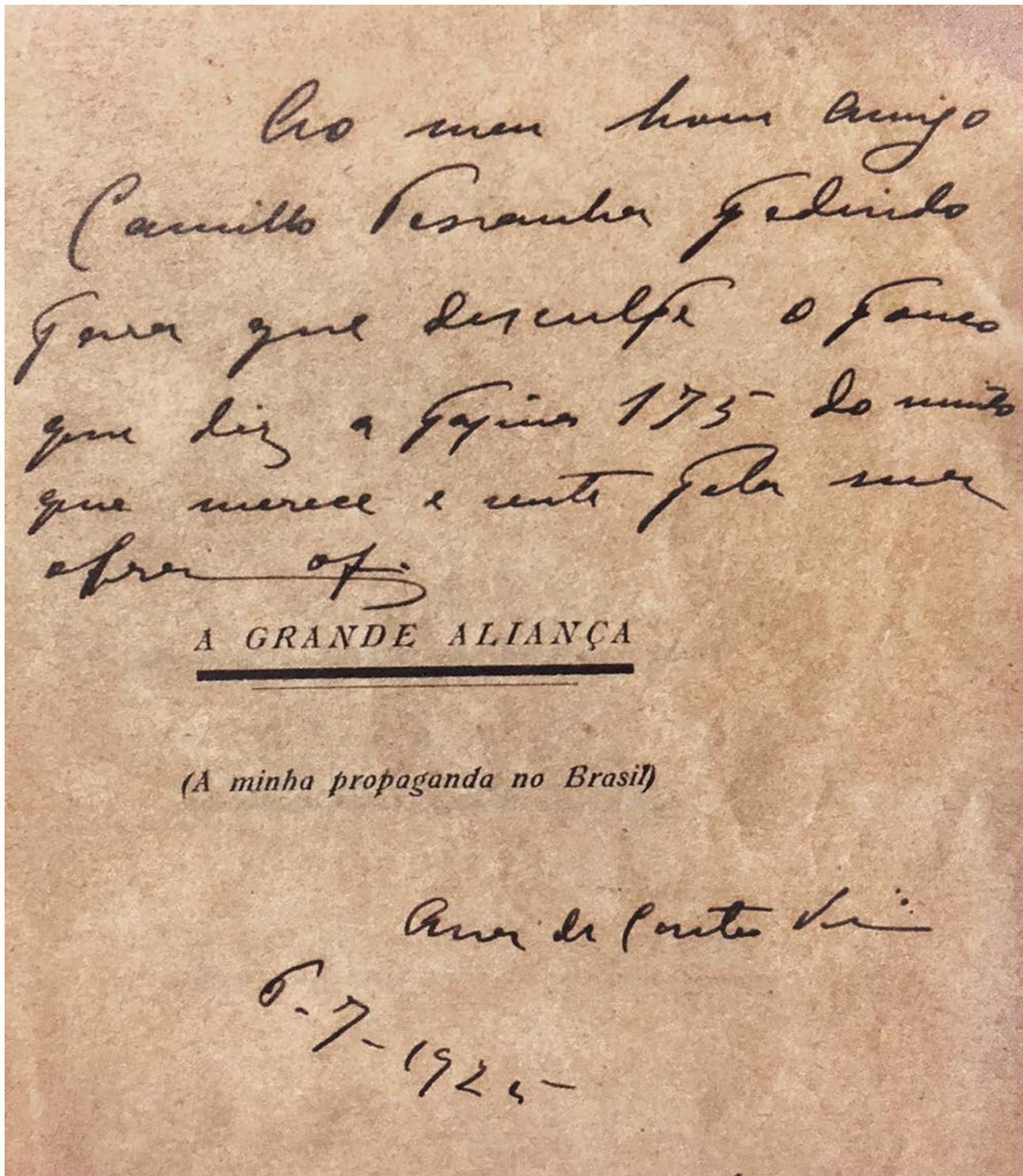
Alberto Osório de Castro tinha uma irmã – Ana de Castro Osório – que veio a tornar-se famosa por assinar inúmeras obras para crianças, para cuja edição fundou a editora “Lusitânia”, por ser uma feminista combativa e por ter desempenhado um papel importante na elaboração da lei do divórcio. Foi ainda por sua influência que o pai, João Baptista de Castro, juiz do Supremo Tribunal, viabilizou o direito de voto de Carolina Beatriz Ângelo, a primeira mulher portuguesa que expressou nas urnas, em 1912, as suas opções de carácter político. A sua beleza e frontalidade aliciaram o poeta, que, corria o ano de 1893, se lhe dirigiu, pedindo-a em casamento:

«Anteontem disse eu a V.^a Ex.^a umas palavras tão inoportunas e tão desastradas que um estudante de colégio se envergonharia de as ter dito. Espero que me tenham sido perdoadas. Foi a necessidade, para mim impreterível, de pedir autorização para escrever esta carta, que me obrigou a declarar naquele momento o meu velho desígnio de ter V.^a Ex.^a por minha companheira; e a própria maneira brusca por que o declarei, perturbou-me, ao ponto de, para me justificar, dizer todas aquelas palavras que se seguiram, das quais cada uma só

*Doutorado em cultura portuguesa. Ensinou em África e nas universidades de Glasgow, de Macau, de Cantão e de Goa. Escreveu sobre Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes, Raul Proença, o Padre Malagrida e o Marquês de Pombal; *Dicionário de Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX* e o *Dicionário Cronológico de Imprensa de Macau*. Editor da *Obra Completa de Bocage e Correspondência de Camilo Pessanha*. Colaboração em dicionários: *Cambridge Guide to World Theatre*, *Dictionary of Literature of the Iberian Peninsula*, *Dicionário de Fernando Pessoa*, *Dicionário da República*, *Dicionário de História de Portugal* e *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*.

Has a PHD in Portuguese Culture. He taught in Africa and in the universities of Glasgow, Macao, Canton, Goa. Works: Dicionário de Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX, Dicionário Cronológico de Imprensa de Macau, essays on Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes, Raul Proença, Padre Malagrida and Marquês de Pombal. He edited the Complete Works of Bocage and Letters of Camilo Pessanha. Collaboration in dictionaries: Cambridge Guide to World Theatre, Dictionary of Literature of the Iberian Peninsula, Dicionário de Fernando Pessoa, Dicionário da República, Dicionário de História de Portugal and Dicionário Cronológico de Autores Portugueses.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Uma dedicatória de Ana de Castro Osório (1925). In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

ia agravando a minha perturbação.»

Por se encontrar comprometida, Ana de Castro Osório recusou:

«Afligi-me saber que não tinha por mim esta simpatia vulgar que quase temos por toda a gente que conhecemos melhor, que sentia por mim mais alguma coisa, que pensava em mim de outra maneira.

[...] Agradeço-lhe muito a franqueza da sua carta. É possível que, se ela fosse das tais que é costume escrever, nem eu lhe respondesse. Como era uma questão comercial, e eu nada entendo disso, encarregaria outros de agradecerem e recusarem. Mas não é assim, o Sr. Camilo Pessanha sabe que o compreendi e desejo responder-lhe com igual franqueza, numa carta que estará igualmente fora de todas as regras e de todo o costume.

Não posso aceitar o seu oferecimento porque prometi, há muito tempo já, casar com outro homem. Foi quase uma criança no princípio, tinha apenas 15 anos. Hoje é uma grande dedicação. E creio que ele precisa dela, porque é também um desiludido. Não sei mesmo se ele já mudaria; às vezes parece-me que sim. Mas bem vê que não posso dar a V.^a Ex.^a o que prometi a outro. Vulgarmente ninguém se importa com isso. Nunca vi mulher que se prendesse com promessas. Mas eu sou muito franca, muito leal, para faltar ao que prometo. Mesmo se ele esquecesse estaria eu livre? Creio que não. As faltas dos outros não desculpam as nossas.»

Camilo Pessanha resignou-se com a recusa da mulher que escolheu para partilhar a sua vida, como se conclui da leitura de uma segunda carta sua:

«Diz-me V.^a Ex.^a que não queria perder a sua amizade. Porque haveria de perdê-la? Somente poderia sê-lo pelo mal que fiz obrigando Vossa Excelência a entristecer e afligir-se pelas minhas tristezas. E a prova mais completa da minha amizade é esta carta serena e lúcida. Obedecerei a V.^a Ex.^a indo despedir-me antes de partir, amizade incondicional.»

O SORTILÉGIO DO ORIENTE

Os dados estavam lançados. Novo capítulo da sua vida teve então início. Camilo Pessanha, recém-

formado pela Universidade de Coimbra, necessitando de estabilizar a sua vida profissional e de ajudar financeiramente o seu irmão Francisco a formar-se em Direito, candidatou-se a um lugar de professor no Liceu de Macau. Foi nomeado e, a 19 de Fevereiro de 1894, partiu para o Oriente no navio espanhol *Santo Domingo*:

«Singra o navio. Sob a água clara
Vê-se o fundo do mar, de areia fina...
Impecável figura peregrina,
A distância sem fim que nos separa?!»

Fez então escala em várias cidades – Barcelona, Port Said (Egipto), Áden, Singapura, Colombo e Manila –, vivências que foram marcantes, considerando a diversidade cultural e humana que encerraram.

O poeta desembarcou, finalmente, em Macau e a sua adaptação a um clima cuja humidade é inclemente foi árdua. Quando começava a reequilibrar-se, recebeu uma carta do pai, o jurista Francisco António de Almeida Pessanha, que agravou sobremaneira o seu quotidiano – informava-o que a mãe estava moribunda. Em agonia, escreveu então a Alberto Osório de Castro, que exercia em Goa o cargo de Procurador da Coroa e Fazenda:

«Para que saí de Portugal? [...] Eu lhe escreverei, em podendo. Desde anteontem têm sido os ataques uns atrás dos outros. Abençoe-me daí, que eu fiquei só de todo. Todo o meu passado que me fugiu assim que eu voltei costas. Agora escuso de tornar a Portugal.»

Porém, em boa hora, a milenar civilização chinesa insinuava-se paulatinamente no seu espírito e amenizava-lhe o quotidiano agreste. Crescia nele a avidez de conhecer e de compreender a realidade multímoda, pois tudo era desconhecido aos seus olhos: «A vida, por aqui, é cheia de impressões novas cada dia», confessava em missiva dirigida ao pai. Menos de um mês depois de ter tido pela primeira vez contacto com Macau, já manifestava a sua empatia perante a ordem social e cultural em que imergira:

«Ando a estudar com todo o interesse, apesar da minha surdez, a língua e os costumes chinas. Quando souber alguma coisa, poderei então escrever, e desde já prometo escrever uns artigos em que a minha pessoa não entre para nada.»

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Ana de Castro Osório a quem pediu casamento em 1893. In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005.

A sociedade macaense era muito fechada. Deveriam ali residir cerca de dois mil portugueses, na generalidade, pouco progressistas, muito tradicionais e avessos a inovações. O seu conservadorismo enervava o poeta, um intelectual de amplos horizontes.

O cosmopolitismo de Macau tocava igualmente a sua sensibilidade:

«Ainda há pouco, quando vinha da sala de jantar

[da pensão em que residia], encontrei no corredor um mouro de turbante, com três moiras esbeltas como ânforas, de narizes afilados e olhos de amêndoa, vestidas como as imagens das santas, ou melhor como as três Marias que aí vão na procissão do Enterro: túnicas dum vermelho desmaiado e sobre a sobre a cabeça os grandes mantos que traçam por debaixo do braço, azuis e debruados de galão de ouro. Têm furada uma das asas do nariz e nela uma argola de ferro, que me faz lembrar antigas liturgias – fonte selada – e trazem aos tornozelos grossas anilhas de oiro que tiram ao andar.»

E a adrenalina em Macau subia com alguma facilidade, porque, por vezes, os piratas invadiam a cidade, «armados de espingardas e taifós» e faziam incursões por Coloane, como aconteceu em 1910, tendo então exigido um resgate considerável pela libertação de várias crianças, por eles raptadas. Recorde-se que estes criminosos foram detidos e, posteriormente, julgados por Camilo Pessanha, em Conselho de Guerra, no quartel de São Francisco.

Mais pacífica e não menos surpreendente foi a sua permanência na pensão de Hing-Ki, seu anfitrião que «comprou dois tigreitos. São muito brincalhões (...), quando vim da comissão, estive a fazer-lhes festas e tive-os nos joelhos. Ainda não mordem, mas já arreganham.»

A 16 de Abril de 1894, de acordo com as directivas do governador Horta e Costa, Camilo Pessanha tomou posse do cargo de professor do Liceu de Macau. As aulas começaram a 28 de Setembro e tinham lugar, inicialmente, no Convento de São Francisco e, mais tarde, num casarão situado entre o Leal Senado e a Praia Grande. José Gomes da Silva, prestigiado médico e cientista, era o reitor. Como leccionava filosofia e estavam matriculados apenas 31 alunos, não teve horário no primeiro ano. Coube-lhe então redigir o regulamento escolar, o qual se encontra publicado na imprensa oficial³.

Naquele estabelecimento de ensino era também docente uma personalidade peculiar, sua alma gémea, que redigiu páginas de filigrana sobre o Japão, Wenceslau de Moraes. As múltiplas afinidades electivas aproximaram-nos e uma sólida amizade foi temperada durante muitos anos. A partida deste, em 1898, para o Japão, onde foi cônsul de Portugal em Hiogo e Osaka, não a fez esmorecer, como prova a correspondência que mantiveram e que, ingloriamente, se extraviou.

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

Com efeito, a casa de Moraes foi bombardeada pelos aliados durante a II Guerra Mundial; e o espólio de Camilo Pessanha, na sequência da sua morte, não resistiu à incúria do filho, que o vendeu ao desbarato. Incluía, entre outros objectos, poemas manuscritos, correspondência mantida com familiares e escritores (eventualmente, a carta que Fernando Pessoa, em 1915, lhe dirigiu, solicitando colaboração para a revista *Orpheu*), as suas traduções da poesia chinesa e peças de arte⁴.

A talhe de foice, recordemos o que Wenceslau de Moraes, em 1921, escreveu sobre o seu fraterno amigo: «O que é que eu sou como literato? Uma nulidade; 1/2 dúzia de amigos (não mais) lêem os meus escritos com agrado, por estima, não pelos seus méritos, que não têm. O Dr. Pessanha, sim: é uma inteligência da mais fina têmpera, literato subtilíssimo, embora pouco produtor (por circunstâncias diversas)⁵.»

Camilo Pessanha teve um papel importante como pedagogo na *res* educativa macaense. Por diversas vezes entrou em conflito com o Leal Senado – instituição correspondente à Câmara Municipal na Europa –, que pretendia encerrar o Liceu, alegando que o número escasso de alunos que o frequentava não justificava as despesas exorbitantes inerentes ao seu funcionamento. Acresce ainda que, graças aos esforços do poeta, aquele estabelecimento de ensino passou, mais tarde, a ministrar aulas aos alunos mais avançados, os quais podiam, deste modo, concluir o antigo sétimo ano, derradeiro passo antes de terem acesso à Universidade. Como é óbvio, o Leal Senado opôs-se a esta iniciativa.

Nas suas aulas, abordava amplamente todos os assuntos que estivessem relacionados com a matéria do programa, facultando uma visão dialéctica dos factos históricos. Uma sua aluna, Henriqueta Barreiros, afirmou com bonomia, que nunca passavam do Egipto, matéria que era equacionada nos primeiros meses do ano lectivo⁶.

CAMILO PESSANHA E A CIVILIZAÇÃO CHINESA

A análise da vida e da obra de Camilo Pessanha permite-nos concluir que estamos em presença de uma personalidade multimoda. Pouco depois de se radicar em Macau, começou a estudar mandarim e cantonense. Tal decisão denota a sua predisposição para interagir



Com Alberto Osório de Castro, seu colega do curso de Direito. In Daniel Pires, A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005

e compreender uma civilização milenar, radicalmente diferente da sua. Data ainda desta época a sua apetência pela etnografia e pela arte chinesa.

O estudo sistemático da língua chinesa era também um pressuposto para a aquisição metódica de peças de arte, desiderato que o acompanhou de 1894



TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

a 1926, exceptuando os cerca de três anos em que, por se encontrar muito doente, residiu em Braga e em Matosinhos. Na verdade, na primeira carta que dirigiu ao pai, ainda mal conhecia a sociedade em que vivia, já demonstrava inequívoca motivação:

«Já sei muito china: ler, falar e até escrever um pouco; *peng on* está escrito nos pagodes e quer dizer paz e sossego.»

E acrescentava:

«Já estou animado a escrever sobre coisas do Oriente. A vida, por aqui, é cheia de impressões novas cada dia, ou eu me finjo que é, em um delírio artificial de grandezas, que me serviu de coragem para partir, e ainda me vai servindo para não esmorecer de todo.»

Na verdade, a língua chinesa foi uma paixão que o acompanhou ao longo da sua estada em Macau. Em 1912, confessava a Carlos Amaro:

«Desde que deixei a Vara de Juiz, é decorar letras chinas. Bem desejaria publicar um dia meia dúzia de pequenas traduções, mas a empresa a ser a coisa como eu a tenho esboçado, é cheia de dificuldades».

Este aturado labor linguístico teve como corolário o conhecimento, estima-se, de aproximadamente três mil caracteres, facto que lhe permitiu rever, em 1914, uma obra de José Vicente Jorge que se destinava à aprendizagem dos primeiros passos do mandarim: *Kuok Man Kau Fo Shü: Leituras Chinesas*. O autor, dirigindo-se ao governador de Macau, evoca desta forma a colaboração do poeta:

«A minha tradução foi revista pelo Sr. Dr. Camilo Pessanha, unanimemente reconhecido como mestre na língua portuguesa, o que é uma segura garantia de que a linguagem da mesma é, não só absolutamente correcta, mas elegante, realizando assim o livro, ao mesmo tempo que o seu principal intuito do ensino da língua chinesa, a vantagem para os alunos de paralelamente irem rectificando vícios de dicção, tão difíceis de desenraizar em Macau, e de se irem familiarizando com as belezas do português literário.»

A admiração pela cultura sínica foi abrangente:

nos primeiros tempos do Oriente, Camilo Pessanha coadjuvou Lourenço Pereira Marques na recolha de um acervo de matriz etnográfica que este médico doou, mais tarde, à Sociedade de Geografia de Lisboa. Segundo cremos, trata-se do primeiro, naquele domínio, de que usufruímos em Portugal. Resta ainda dizer que Camilo Pessanha aceitou o convite para ser membro daquela prestigiada instituição, tendo sido apadrinhado por duas personalidades distintas na época, Luciano Cordeiro e Ernesto de Vasconcelos.

Além da sua actividade como pedagogo, Camilo Pessanha desempenhou outros cargos, designadamente o de conservador do registo predial (consta que, por vezes, para gáudio seu e dos presentes, fazia registos com um pau de fósforo, molhado num tinteiro), de juiz de direito substituto e o de juiz auditor dos conselhos de guerra. Em 1904, presidiu a um grupo de trabalho que elaborou um regimento administrativo de negócios sínicos. Na verdade, integrou sempre as comissões que prepararam e redigiram a legislação que tinha como público-alvo a comunidade chinesa.

Jurista de mérito, as suas sentenças e pareceres foram modelares na época. Vinque-se ainda que, para estranheza de muitos dos seus colegas, defendeu, durante um processo, que os réus «só à sua miséria devem o equívoco que os traz a este tribunal» e que «não são criminosos, mas apenas miseráveis, os milhares que a esta cidade afluem quotidianamente.»

Camilo Pessanha foi um interlocutor do diálogo civilizacional luso-chinês. Com efeito, manifestou a sua particular empatia relativamente à civilização chinesa, em ensaios que focaram a sua idiossincrasia, no âmbito social, político e artístico. Para mais cabalmente a compreender, como assinalámos, dedicou-se ao estudo do idioma sínico, conhecimento que lhe permitiu, anos mais tarde, traduzir, com proficiência, oito elegias que datam da dinastia Ming. O rigor e a acuidade desta tradução estão patentes nas notas exuberantes, nas opções de carácter formal adoptadas e na metodologia que perflhou para assegurar a realização de uma tarefa de inequívoca dificuldade. Realce-se o facto de o escritor mencionar na introdução que entregou ao editor do jornal⁷ «umas poucas dúzias de traduções», ou seja, um número muito superior àquele que, actualmente, se conhece.

Na respectiva apresentação, Camilo Pessanha dissertou sobre a pedregosa arte de traduzir e sobre a especificidade da tarefa que empreendeu:

Junto do rio das Pérolas que banha Macau (cerca de 1903). In Daniel Pires, *A imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau/Instituto Português do Oriente, 2005

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

«Satisfazendo uma antiga dívida para com o ilustre director de *O Progresso*, entrego hoje ao mesmo semanário umas poucas dúzias de pequenas composições chinesas com cuja decifração tenho entretido os ócios dos últimos seis anos de residência em Macau – os primeiros da velhice – tirando desse esforço (em boa verdade se diga) horas de um tão suave prazer espiritual que dele o não esperava tamanho. [...] Traduzi literalmente – tanto quanto a radical diferença entre o génio das duas línguas o permite. Esforcei-me por não suprimir nenhuma das ideias contidas no original, por adjectiva e acessória que fosse, – embora tendo por vezes de sacrificar a essa imposição de fidelidade os longes do ritmo e a relativa simetria de forma que eu desejaria dar à tradução de cada quadra chinesa, na impossibilidade de as traduzir em quadras de versos portugueses. Menos ainda acrescentei fosse o que fosse, no intuito de relevar pormenores, ou com a preocupação de falsos exotismos. Isolei a tradução de cada um dos versos, e dentro dela conservei, nos limites do possível, às ideias e símbolos a ordem original. Isto é, da poesia chinesa busquei trasladar com exactidão o que era trasladável – o elemento substantivo ou imaginativo; – porquanto o elemento sensorial ou musical, resultando de uma técnica métrica especialíssima (em que há sabiamente aproveitados recursos prosódicos de que as línguas europeias não dispõem) é absolutamente inconversível.»

COLECCIONADOR DE ARTE CHINESA

Coleccionador de arte chinesa compulsivo, Camilo Pessanha adquiriu um acervo relevante que se caracteriza pelo seu eclectismo e por abranger um escopo temporal milenar, estando algumas das principais dinastias nele representadas: Tang (618-907), Song do Norte (960-1127), Yuan (1271-1368), Ming (1368-1644) e Qing (1644-1912).

A colecção incluía exemplares de pintura, caligrafia, bordados, brocados, indumentária, joalheria, *cloisonné*, *champlevé*, bronze com incrustações, escultura em madeira e marfim, unicórnio, pedras duras, vidro, embutidos em madeira, charão e cerâmica⁸.

Para ampliar o seu património, Camilo Pessanha

percorria, com assiduidade e com um entusiasmo de neófito, os *tintins* de Macau e os antiquários de Hong Kong. Com idêntico objectivo, apesar da dificuldade que a viagem encerrava devido aos infundáveis trâmites burocráticos, deslocava-se igualmente a Cantão, metrópole com uma oferta então muito considerável neste particular domínio.

Em 1915, o autor decidiu doar ao Estado português a sua colecção, constituída por cem peças. Antes, porém, a convite do governador Carlos da Maia, seu correligionário maçónico que veio a ser assassinado seis anos depois na “Noite Sangrenta”, expô-la no Palácio de Santa Sancha. O Museu das Janelas Verdes, actual Museu Nacional de Arte Antiga, embora a tivesse aceite, não a expôs, sendo conservada durante muitos anos num depósito. Apesar de não haver no país nenhuma colecção que contemplasse de forma tão cabal o Oriente, José de Figueiredo, o director, alegava que era de somenos importância.

Em carta a Carlos Amaro, na iminência de ser, contra a sua vontade, colocado em África, Camilo Pessanha debruçou-se sobre a natureza e o modo como coligiu o seu pecúlio:

«Do pouco que ganho, o que me tem sobrado dos gastos diários indispensáveis, tenho-o empregado na aquisição de uma cangalhada, – cacos e bonecos chineses –, que, provavelmente nunca terei dinheiro para transportar para aí, apesar de ser meu máximo desejo que por minha morte ficasse guardada em algum dos museus nacionais. Sair daqui nesta ocasião seria renunciar para sempre à posse dessa pobríssima colecção, que é quase a única consolação dos meus olhos e da minha alma. Nada vale pecuniariamente (quando muito uns dois contos de réis, aqui onde alguns advogados, levando vida lauta, têm feito fortuna em três anos), – mas custou-me, a juntar, enormes sacrifícios de toda a ordem e representa as minhas economias e o meu trabalho de quase toda a vida.»

E, numa missiva dirigida a Trindade Coelho, revela o modo como o formou e a sua intenção de persuadir os responsáveis museológicos que se tratava de um acervo valioso:

«Imagine quanto e por que especiais razões, a malandrice me irritou. Incomparavelmente mais do que todos os maquiavelismos (sei que o Sr. Trindade Coelho inteiramente me acredita) do

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS



Álbum 10, n.12, filósofo? mnmc11006. Autor desconhecido, China. Séc. XIX. Pintura sobre seda. Coleção de Arte Chinesa de Camilo Pessanha. Museu Nacional de Machado de Castro. Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF). Fotografia de José Pessoa.

TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS

nosso interessante José de Figueiredo. Porque a verdade é que desse, muito ao contrário do que ele presume, até estou, cá por dentro a rir-me. E a prova irrecusável dessa minha boa disposição interior, pelo que respeita ao assunto (não tivesse eu outras feridas a doerem-me!) está em que, com a mesma pachorra de antes, e sem sequer me lembrar de que assiste no Olimpo das artes tão alta personalidade, aqui vou continuando a entreter-me por *bric-à-bracs*, casas de prego, lojas de ferro-velho e outros antros, de Macau, de Hong-Kong e de Cantão, dispondo tudo para (mas há-de ser daqui a coisa de uns três anos) o mimosear com uma segunda remessa, de outros cem exemplares – pela tromba, diria o Fialho. Uns, estou escrevendo com eles defronte de mim (bastantes até já eram meus quando separei os que mandei), outros tenho-os de olho por sítios vários, outros, enfim, hão-de se ir procurando com vagar.

Por sinal que essa segunda dose (de fel!) há-de ser o Sr. Trindade Coelho (já que, generosamente, me ofereceu a sua amizade, que tanto me envaidece) quem lha chegue aos lábios, encarregando-se, desde o início, de todas as negociações.»

Pouco antes de falecer, em 1926, Camilo Pessanha fez uma segunda doação, solicitando que esta, tal como a de 1915, fosse entregue ao Museu Nacional de Machado de Castro, sediado em Coimbra, sua terra natal. A coleção, constituída por cerca de 370 peças, pode ser parcialmente apreciada no Museu do Oriente, em Lisboa.

O HUMANISMO DE CAMILO PESSANHA E A SUA INTERVENÇÃO CÍVICA

Camilo Pessanha manifestou em múltiplas ocasiões o seu espírito cívico. Como assinalámos, doou a sua coleção de arte ao Estado português e foi um defensor dos desprotegidos da sociedade. No final da sua vida legou à Repartição dos Negócios Sínicos a sua biblioteca, constituída por cerca de 700 livros. Eis um acervo que se caracteriza pelo eclectismo, no qual predomina a literatura, a história, a arte, o direito e as obras que têm o Oriente como escopo⁹.

Ao longo da sua vida, o poeta fez questão de intervir em defesa de causas nobres. Em 1898, desempenhou um papel relevante no processo de

reabilitação do coronel Mesquita, que se distinguira na defesa de Macau e que, anos mais tarde, num acesso de loucura, matara a mulher e os filhos, suicidando-se em seguida. O jornal *O Independente* relatou aquela iniciativa da seguinte forma:

«Houve audiência no Paço Episcopal para inquirição das testemunhas no processo canónico de reabilitação do coronel Mesquita. Presidiu S. Ex.^a Reverendíssima o Sr. bispo, servindo de promotor o Sr. Dr. Horácio Poiães e de advogado o Sr. Dr. Camilo Pessanha. Depuseram como testemunhas os srs. tenente-coronel Porfírio Zeferino de Sousa, Cândio Jorge, Albino António Pacheco e o padre Almeida, pároco de S. Lourenço¹⁰.»

Na verdade, este processo arrastou-se e só em Julho de 1910 se concretizou a trasladação dos restos mortais daquele oficial. Para este facto contribuiu um artigo assinado por Camilo Pessanha no qual advogava que a tragédia que o envolveu foi o corolário de circunstâncias muito graves que o ultrapassaram.

A sua solidariedade foi igualmente demonstrada quando, em 1916, saiu em defesa de uma prostituta, mãe de três filhos, que fora condenada a expiar uma pena pesada. Neste sentido, escreveu a Alberto Osório de Castro, então juiz em Lisboa, solicitando a sua intervenção:

«Alberto Osório,
Peço-lhe, com todo o empenho da minha alma de poeta, pela ré Maria dos Anjos, processo n.º 800, condenada em dois anos de penitenciária, ou três de degredo, meretriz e mãe de três filhos, – dos quais o maior de treze anos.
Peço-lhe acuda, pois, com todas as nulidades imagináveis do processo, como eu faria, – tanto mais que me dizem estar inocente e terem sido nenhuma as provas com que a condenaram.»

Pessanha era igualmente um homem de ideais. Com efeito, a sua acção em Macau em prol da implantação do regime republicano e em defesa dos direitos mais elementares dos presos, sujeitos a medidas que colidiam com a lei, foi fundamental. Na sequência da implantação da República, quando um sector da classe dirigente, inebriado pela Revolução, pretendia expulsar as ordens religiosas, Camilo Pessanha, republicano inequívoco, defendeu a continuidade em Macau das Irmãs Canossianas, considerando a qualidade do seu trabalho e a inexistência de alternativas. É lícito, por

TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

outro lado, recordar que propôs a criação de estruturas estatais que apoiassem os mais carenciados.

No âmbito cultural, é legítimo trazer à colação o seu papel na implementação do Instituto de Macau, cujo objectivo primordial era estudar e difundir a influência portuguesa no Oriente. Para a formação daquela agremiação concorreu a nata intelectual do território: José Vicente Jorge, Manuel da Silva Mendes, D. José da Costa Nunes, o governador Correia da Silva, Morais Palha, Eugénio Dias de Amorim, Humberto de Avelar, Hugo de Lacerda Castelo Branco, Telo de Azevedo Gomes e Francisco Peixoto Chedas.

O seu humanismo está igualmente patente num facto histórico que só recentemente foi descoberto: em 1904, o vice-rei de Cantão incompatibilizou-se com o mandarim Pui-Keng-Foc; este refugiou-se em Macau, cidade onde se encontravam muitos espíões, dada a actividade do futuro primeiro presidente da República, Sun-Yat Sen. De imediato chegou um ofício

solicitando a sua extradição, em conformidade com o teor do tratado luso-chinês de 1887. A 23 de Junho, o governador Martinho Queirós Montenegro decidiu ouvir em conselho os “homens bons” da cidade. Eram nove: o bispo, D. João Paulino de Azevedo e Castro; Camilo Pessanha, juiz de direito substituto; o capitão de mar-e-guerra, Albano Alves Branco, que superintendia a Capitania; tenente-coronel Francisco António Chedas; Alfredo Lello, secretário do governo; Luís Gonçalves Forte, delegado do procurador da coroa e fazenda; Olímpio Joaquim de Oliveira, inspector da Fazenda; Eduardo Marques, vice-presidente do Leal Senado, e José Gomes da Silva, chefe do Serviço de Saúde. Oito votaram a favor da extradição: apenas um, Camilo Pessanha, votou contra, argumentando que o mandarim não teria direito a defender-se, que seria torturado e, posteriormente, executado. Enviado para Cantão, assim aconteceu, como noticiou, semanas depois, o jornal *Hong Kong Telegraph*¹¹. **RC**

NOTAS

- 1 Camilo Pessanha, *Correspondência, Dedicatórias e Outros Textos*. Organização, prefácio, cronologia e notas de Daniel Pires. Lisboa e Campinas: Biblioteca Nacional de Portugal e Universidade de Campinas, 2012.
- 2 Camilo Pessanha, *Clepsydra. Edição crítica de Paulo Franchetti*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995, p. 111.
- 3 *Boletim Oficial de Macau*, 16 Ago. 1894.
- 4 Cf. *O Combate* (Macau), 6 Mai. 1926.
- 5 Carta dirigida a Francisco Chedas, 16 Jun. 1921.
- 6 Cf. *Homenagem a Camilo Pessanha*. Organização, prefácio e notas de Daniel Pires. Macau: Instituto Português do Oriente e Instituto Cultural de Macau, 1990, pp. 94-95.
- 7 In *O Progresso* (Macau), 13 Set. 1914.
- 8 Cf. *Catálogo da Coleção de Arte Chinesa Oferecida ao Museu Nacional*. Macau: Imprensa Nacional, 1916.
- 9 Encontra-se na Biblioteca do Leal Senado, em Macau, e a sua constituição foi abordada na obra *A Imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*, de Daniel Pires. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau e Instituto Português do Oriente, 2005, pp. 233-249.
- 10 *O Independente* (Macau), 24 Abr. 1898.
- 11 O texto completo da mencionada reunião encontra-se na obra *Correspondência, Dedicatórias e Outros Textos de Camilo Pessanha, op. cit.*, pp. 299-304.

BIBLIOGRAFIA

- Aresta, António – *A Educação Portuguesa no Extremo Oriente: estudos de história da educação*. Porto: Lello, 1999
- Barreiros, Danilo – *O Testamento de Camilo Pessanha*. Lisboa: Bertrand Editora, 1961
- Barreiros, Pedro – *As Elegias Chinesas: Tradução Poética de Camilo Pessanha*. Lisboa: Gradiva, 1999
- Franchetti, Paulo – *O Essencial sobre Camilo Pessanha*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008
- ID. – *Nostalgia, Exílio e Melancolia – Leituras de Camilo Pessanha*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001
- Laborinho, Ana Paula – *Agenda 2017 – Camilo Pessanha (1867-2017)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017
- Miguel, António Dias – *Elementos para o Estudo da sua Biografia e da sua Obra*. Lisboa: Edição de Álvaro Pinto (Ocidente), 1956
- Oliveira, Celina Veiga de – *Camilo Pessanha; o Jurista e o Homem*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1993
- Osório, António – *O Amor de Camilo Pessanha*. Lisboa: Elo, 2005
- Pessanha, Camilo – *Clepsydra*. Estabelecimento de texto, introdução crítica, notas e comentários por Paulo Franchetti. Lisboa: Relógio de Água, 1995 [D.L.]
- ID. – *Correspondência, Dedicatórias e Outros Textos*. Organização, prefácio cronologia e notas de Daniel Pires. Lisboa, Campinas: Biblioteca Nacional de Portugal e Editora da Unicamp, 2012
- Pires, Daniel – *Camilo Pessanha Prosador e Tradutor*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente, 1992
- ID. – *A Imagem e o Verbo: Fotobiografia de Camilo Pessanha*. Macau: Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente, 2005.